

A CONSTRUÇÃO DE UMA ALFABETIZADORA: REFLEXÕES SOBRE FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE

BECOMING A LITERACY TEACHER:
REFLECTIONS ON TEACHER EDUCATION AND PROFESSIONAL PRACTICE

Viviane Soares Vilasanti¹

Geovane Ferreira Gomes²

RESUMO: Este relato de experiência tem por objetivo refletir sobre a trajetória de formação e atuação docente que contribuiu para a construção de uma concepção de alfabetização fundamentada na ciência cognitiva da leitura e no compromisso com a aprendizagem dos estudantes. O texto apresenta experiências vivenciadas desde a graduação em Pedagogia, passando pelo ingresso na carreira docente, pela atuação como coordenadora pedagógica e formadora de professores, até o retorno à sala de aula como professora alfabetizadora. Ao longo desse percurso, são discutidas as influências exercidas por diferentes referenciais teóricos, os desafios decorrentes da coexistência de distintas concepções de alfabetização, a participação em programas de formação continuada e a elaboração de projetos e materiais pedagógicos voltados ao ensino da leitura e da escrita. As reflexões desenvolvidas evidenciam a importância da articulação entre teoria e prática, do estudo permanente e do conhecimento acerca do funcionamento do Sistema de Escrita Alfabética. Destaca-se, ainda, a defesa de um ensino explícito, sistemático e intencional das relações entre letras e sons como elemento fundamental para a aprendizagem da leitura e da escrita, especialmente no primeiro ano de escolarização. Conclui-se que a construção da identidade profissional do alfabetizador constitui um processo contínuo de estudo, reflexão e aperfeiçoamento, orientado pelas necessidades de aprendizagem dos estudantes e pelas evidências científicas disponíveis.

Palavras-chave: Alfabetização; Formação docente; Ciência Cognitiva da Leitura.

ABSTRACT: This experience report aims to reflect on the educational and professional trajectory that contributed to the construction of a literacy perspective grounded in the cognitive science of reading and a commitment to students' learning. The text presents experiences ranging from undergraduate studies in Pedagogy to the beginning of the teaching career, work as a pedagogical coordinator and teacher educator, and the subsequent return to the classroom as a literacy teacher. Throughout this journey, the report discusses the influence of different theoretical frameworks, the challenges arising from the coexistence of distinct conceptions of literacy, participation in continuing education programs, and the development of projects and instructional materials aimed at reading and writing instruction. The reflections highlight the importance of articulating theory and practice, engaging in continuous study, and understanding the functioning of the alphabetic writing system. Furthermore, the report advocates for explicit, systematic, and intentional instruction in letter-sound correspondences as a fundamental element in learning to read and write, particularly in the first year of schooling. It concludes that the construction of a literacy teacher's professional identity is a continuous process of study, reflection, and improvement, guided by students' learning needs and the scientific evidence available.

Keywords: Literacy; Teacher education; Cognitive Science of Reading.

¹ Viviane Soares Vilasanti. Mestre em Educação (PROFEDUC/UEMS). visoaesvila@gmail.com

² Geovane Ferreira Gomes. Doutor em Sociologia (UFSCar). geovanegomes@uems.br



INTRODUÇÃO

Ao revisitar minha trajetória profissional, percebo que a relação construída com a alfabetização não se constituiu de forma repentina. Ela foi sendo tecida gradativamente, por meio de experiências acadêmicas, leituras, questionamentos e vivências em sala de aula que despertaram o desejo de compreender, cada vez mais profundamente, como as crianças aprendem a ler e a escrever.

Um marco importante nesse percurso ocorreu ainda nos primeiros anos da graduação em Pedagogia, quando tive a oportunidade de participar de um grupo de estudos sobre alfabetização, coordenado pelos professores Luiz Carlos Faria da Silva e Ruth Izumi Setoguti. Essa experiência antecedeu o contato com as disciplinas da matriz curricular voltadas ao ensino e à aprendizagem da leitura e da escrita e proporcionou um espaço privilegiado de discussão teórica e reflexão sobre os processos envolvidos na apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

Mais do que despertar o interesse pela temática, os estudos realizados naquele contexto contribuíram significativamente para a construção da concepção de alfabetização que orienta minha prática docente até os dias atuais. O contato com pesquisas relacionadas à ciência cognitiva da leitura possibilitou compreender a aprendizagem da leitura e da escrita a partir de seus fundamentos cognitivos, linguísticos e educacionais, favorecendo o desenvolvimento de um posicionamento teórico fundamentado em evidências científicas. Desde então, os estudos de Dehaene (2012), Maluf e Cardoso-Martins (2013), Snowling e Hulme (2013), Scliar-Cabral (2013), Moraes (2013) e Savage (2015) passaram a constituir referências importantes para a compreensão dos mecanismos envolvidos na alfabetização e dos processos que sustentam o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Ao ingressar na docência, as experiências vivenciadas em sala de aula fortaleceram ainda mais esse interesse. Os desafios encontrados no trabalho com escolares em processo de alfabetização suscitaram novos questionamentos sobre como os estudantes aprendem, quais conhecimentos precisam ser mobilizados e quais práticas pedagógicas podem favorecer esse percurso. Os diferentes ritmos e formas de aprender evidenciaram a complexidade do ensino da leitura e da escrita, bem como a necessidade de compreender com maior profundidade os fatores que interferem na aprendizagem nessa etapa fundamental da educação básica. A observação das dificuldades enfrentadas por alguns estudantes, assim como dos avanços alcançados por outros, despertou reflexões acerca das práticas pedagógicas mais adequadas para promover uma aprendizagem efetiva e significativa.

A aproximação com esses referenciais teóricos não permaneceu restrita ao campo dos estudos acadêmicos. Ao contrário, passou a orientar a análise das dificuldades observadas em sala de aula, o planejamento das intervenções pedagógicas e a elaboração de estratégias voltadas à promoção da aprendizagem de todos os estudantes. Nesse percurso formativo e profissional, o aprofundamento dos estudos sobre alfabetização e aprendizagem da linguagem escrita contribuiu para a compreensão dos processos envolvidos na aquisição da leitura e da escrita, especialmente no que se refere ao



desenvolvimento da consciência fonológica, ao reconhecimento de palavras e à importância de um ensino sistemático e intencional do SEA. Tais contribuições passaram a influenciar não apenas a forma de compreender a alfabetização, mas também as escolhas pedagógicas realizadas no cotidiano escolar.

Nesse sentido, com o passar dos anos, a alfabetização deixou de constituir apenas uma área de atuação profissional para tornar-se um campo permanente de estudo, reflexão e produção pedagógica. Esse movimento culminou, ao longo da carreira, na elaboração de materiais didáticos, projetos de incentivo à leitura e propostas pedagógicas voltadas à alfabetização, desenvolvidos a partir das demandas identificadas no cotidiano escolar e sustentados pelos conhecimentos construídos por meio dos estudos e pesquisas na área.

Diante do exposto, este relato de experiência tem como objetivo apresentar reflexões sobre a relação construída com a alfabetização ao longo da formação inicial e da trajetória docente, destacando experiências, desafios, aprendizagens e transformações que contribuíram para a constituição de minha identidade profissional. Ao revisitar esse percurso, busca-se evidenciar como os conhecimentos construídos ao longo dos anos influenciaram a compreensão acerca do ensino da leitura e da escrita e orientaram o desenvolvimento de práticas pedagógicas comprometidas com a aprendizagem de todos os estudantes, em consonância com o princípio que norteia minha trajetória profissional: nenhuma criança deixada para trás.

FORMAÇÃO ACADÊMICA: OS PRIMEIROS CONTATOS COM A ALFABETIZAÇÃO

Antes de abordar minha relação com a alfabetização, considero importante apresentar brevemente os caminhos que me conduziram à educação. A escolha pela Pedagogia ocorreu em um momento de definição profissional, quando muitos dos colegas optavam por carreiras tradicionalmente associadas ao prestígio social e ao reconhecimento financeiro. Embora ainda não tivesse clareza sobre a atuação que desenvolveria futuramente, já existia o desejo de exercer uma profissão que possibilitasse contribuir para a transformação da realidade e impactar positivamente a vida das pessoas.

Nesse contexto, a área da educação apresentou-se como uma possibilidade capaz de conciliar interesses pessoais, valores e propósito de vida. A decisão, entretanto, não foi recebida com entusiasmo. Em diferentes momentos, a opção pela docência foi questionada, refletindo uma realidade historicamente marcada pela desvalorização social da profissão docente. Comentários que associavam o investimento nos estudos à busca por carreiras consideradas mais prestigiadas evidenciavam uma percepção ainda presente em muitos setores da sociedade: a de que o magistério ocupa uma posição inferior em relação a outras profissões.

Apesar dessas percepções, a escolha pela Pedagogia permaneceu firme. Ainda que não houvesse plena compreensão acerca dos desafios que seriam encontrados ao longo da carreira, já se fazia presente a convicção de que a educação poderia constituir um espaço de transformação humana e social. Anos mais tarde, a experiência profissional permitiria compreender de forma mais concreta as dificuldades enfrentadas pelos professores, as limitações impostas pelas condições de trabalho e os processos de



burocratização que atravessam o cotidiano escolar. Contudo, também reforçaria a certeza de que a docência continua sendo uma das profissões com maior potencial para promover mudanças significativas na vida das pessoas.

Foi nesse contexto que, em 2009, ingressei no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), instituição que se tornaria o ponto de partida para a construção dos conhecimentos, experiências e reflexões que posteriormente orientariam minha atuação profissional.

No segundo semestre do segundo ano da graduação, conheci a professora Ruth Izumi Setoguti, cuja atuação exerceu relevante influência em minha formação acadêmica. As discussões promovidas em suas aulas e orientações suscitaram reflexões que me levaram a questionar algumas concepções que vinham sendo construídas ao longo do curso, ampliando meu olhar sobre diferentes aspectos relacionados à educação e à aprendizagem.

No ano seguinte, desenvolvi, sob sua orientação, um Projeto de Iniciação Científica (PIC) voltado ao estudo dos indicadores educacionais e das avaliações externas. Essa experiência representou um importante passo em minha trajetória acadêmica, não apenas pela aproximação com a pesquisa científica, mas também pelas oportunidades de estudo e aprofundamento teórico que dela decorreram. Foi nesse contexto que conheci o professor Luiz Carlos Faria da Silva e passei a participar de momentos de estudos voltados à alfabetização, ainda antes de cursar as disciplinas específicas sobre o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita, previstas na matriz curricular.

À medida que os estudos avançavam, comecei a perceber a existência de diferentes perspectivas teóricas acerca da alfabetização. Quando as disciplinas específicas da área foram iniciadas na graduação, encontrei-me diante de concepções que apresentavam pressupostos distintos sobre o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. De um lado, os debates desenvolvidos no grupo de estudo enfatizavam a importância do ensino sistemático das correspondências entre letras e sons, bem como a progressão gradual das unidades menores da língua para estruturas linguísticas mais complexas. De outro, as disciplinas cursadas na universidade destacavam a centralidade dos textos e das práticas sociais de leitura e escrita como ponto de partida para o processo de alfabetização.

Longe de representar um obstáculo, o contato com essas diferentes perspectivas constituiu uma experiência formativa valiosa. A necessidade de compreender os fundamentos de cada abordagem, analisar seus pressupostos e confrontá-los com as evidências científicas disponíveis impulsionou uma postura investigativa que passaria a acompanhar minha trajetória profissional. Foi justamente nesse movimento de questionamento, estudo e reflexão que comecei a construir, de forma mais consciente, o posicionamento teórico que orienta minha prática alfabetizadora até os dias atuais.

Ao concluir o curso de Pedagogia, retornei ao estado de Mato Grosso do Sul e iniciei minha trajetória profissional na rede pública de ensino. O primeiro desafio me foi apresentado logo no ingresso à carreira docente, quando assumi uma turma de segundo ano do Ensino Fundamental em uma escola pública de um pequeno município do interior do estado.

Embora a formação acadêmica tivesse proporcionado importantes conhecimentos sobre alfabetização e aprendizagem da leitura e da escrita, a realidade encontrada em sala



de aula revelou-se muito mais complexa do que eu havia imaginado. A turma apresentava desafios diversos, relacionados tanto às diferenças nos níveis de aprendizagem quanto às demandas inerentes ao contexto escolar. Diante daquela realidade, os conhecimentos construídos durante a graduação passaram a ser constantemente colocados à prova.

Os desafios enfrentados nos primeiros meses de docência suscitaram inúmeras dúvidas e inquietações. Em diferentes momentos, questionei minha capacidade para exercer a profissão e me perguntei se havia feito a escolha certa ao optar pela carreira docente. Entretanto, foram justamente essas experiências, permeadas por incertezas, dificuldades e aprendizagens, que impulsionaram a busca por novos conhecimentos e contribuíram para o fortalecimento de minha identidade profissional.

Embora não soubesse naquele momento, aquela primeira turma de alfabetização se tornaria um marco em minha trajetória docente, pois foi a partir dela que muitos dos conhecimentos construídos durante a formação acadêmica passaram a ser efetivamente testados, ressignificados e reconstruídos.

Foi nesse contexto que a relação entre teoria e prática passou a ocupar um lugar central em minha jornada. As inquietações surgidas nos primeiros anos de docência impulsionaram novas buscas, estudos e reflexões que contribuíram para consolidar a concepção de alfabetização que orienta minha prática até os dias atuais e sustenta o compromisso que assumo diante de cada estudante: garantir que todos tenham a oportunidade de aprender.

A CONSTRUÇÃO DE UMA ALFABETIZADORA NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

Uma das primeiras lições aprendidas ao longo da carreira foi que a formação do professor alfabetizador não se encerra com a graduação. Ao contrário, a complexidade do processo de alfabetização exige estudo permanente, reflexão constante sobre a prática e disposição para revisar concepções à luz de novos conhecimentos e das demandas encontradas no cotidiano escolar.

Após a experiência inicial no segundo ano do Ensino Fundamental, assumi uma turma de primeiro ano e encontrei nesse contexto um espaço de atuação com o qual me identifiquei profundamente. A possibilidade de acompanhar mais de perto o processo inicial de apropriação da leitura e da escrita, aliada à menor disparidade entre os níveis de aprendizagem dos estudantes, despertou ainda mais o interesse pela alfabetização inicial. Os avanços observados ao longo do ano letivo tornavam mais visíveis os resultados das intervenções pedagógicas e reforçavam a convicção de que o trabalho desenvolvido nessa etapa possui um papel decisivo na trajetória escolar das crianças.

No ano de 2017, uma experiência em particular exerceu profunda influência sobre minha atuação docente. Ao assumir novamente uma turma de primeiro ano, tive uma estudante com características atípicas que apresentava desafios significativos no processo de aprendizagem. Até aquele momento, grande parte das reflexões construídas acerca da alfabetização estava voltada para o planejamento do ensino, para as habilidades que precisavam ser desenvolvidas e para as estratégias que favoreciam a aprendizagem da maioria dos estudantes. Contudo, aquela experiência exigiu um olhar mais atento para as singularidades de cada criança e para os diferentes caminhos que podem conduzir à



aprendizagem.

A convivência com essa estudante levou-me a repensar práticas, flexibilizar estratégias e buscar novos conhecimentos que permitissem compreender melhor suas necessidades. Mais do que encontrar respostas imediatas, aquele processo evidenciou que aprender é também um percurso singular e que a atuação do professor alfabetizador exige sensibilidade para reconhecer os diferentes ritmos, potencialidades e desafios presentes em uma mesma sala de aula. Além disso, entendi que a equidade na alfabetização exige mais do que oferecer as mesmas oportunidades a todos os estudantes; requer reconhecer as singularidades de cada percurso de aprendizagem e construir estratégias capazes de responder às necessidades específicas de cada criança.

Nos anos seguintes, entre 2016 e 2023, com exceção do período em que atuei nessa turma de primeiro ano, exerci funções relacionadas à coordenação pedagógica e à formação continuada de professores na Secretaria Municipal de Educação. Embora afastada da sala de aula, permaneci profundamente vinculada às discussões sobre alfabetização, agora sob uma nova perspectiva. O trabalho desenvolvido junto aos professores possibilitou observar desafios recorrentes enfrentados nas escolas, acompanhar diferentes práticas pedagógicas e refletir sobre as condições necessárias para promover avanços na aprendizagem dos estudantes.

Essa experiência ampliou a compreensão de que a alfabetização não depende exclusivamente do trabalho individual do professor, mas também da existência de políticas educacionais, materiais adequados, processos formativos consistentes e espaços permanentes de reflexão sobre a prática pedagógica. Foi nesse contexto que surgiu a oportunidade de desenvolver materiais estruturados e projetos voltados à alfabetização, elaborados a partir das necessidades observadas nas escolas da rede municipal.

Paralelamente à atuação na coordenação pedagógica e na formação de professores, participei de diferentes programas de formação continuada voltados à alfabetização, experiência que me permitiu acompanhar transformações, permanências e debates que atravessam esse campo de conhecimento. Um aspecto que sempre despertou minha atenção foi a coexistência de diferentes perspectivas teóricas acerca do ensino da leitura e da escrita, muitas vezes presentes nas próprias políticas de formação docente.

Desde o *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa* (PNAIC) até as formações mais recentes vinculadas ao *Compromisso Nacional Criança Alfabetizada* (CNCA), predomina uma abordagem que enfatiza o letramento e as práticas sociais de leitura e escrita como elementos centrais do processo de alfabetização. Nesse percurso, o programa *Tempo de Aprender*, desenvolvido entre os anos de 2019 e 2022, representou uma experiência distinta ao destacar a importância do ensino explícito e sistemático das relações entre letras e sons e do desenvolvimento da consciência fonológica, desde a pré-escola.

Além desses aspectos, as formações e materiais do Programa abordavam outras dimensões consideradas essenciais para a alfabetização, como a fluência em leitura oral, a ampliação do vocabulário, a compreensão leitora e a produção escrita, reforçando a compreensão de que a aprendizagem da leitura e da escrita envolve um conjunto articulado de conhecimentos e habilidades. Essa compreensão dialoga com os estudos de Snowling e Hulme (2013) e Savage (2015), que evidenciam a importância do



desenvolvimento integrado de habilidades como consciência fonológica, fluência, vocabulário e compreensão leitora para a aprendizagem da leitura.

Longe de encerrar os debates acerca da alfabetização, o contato com diferentes propostas formativas reforçou a compreensão de que o professor alfabetizador precisa desenvolver uma postura crítica diante das concepções teóricas e metodológicas que fundamentam sua prática. A busca por respostas para os desafios encontrados em sala de aula continuou conduzindo meus estudos e aprofundando o interesse pelas contribuições da ciência cognitiva da leitura.

Nesse contexto, tive a oportunidade de integrar o grupo dos cem professores brasileiros selecionados para participar do curso presencial *Alfabetização Baseada na Ciência* (ABC), realizado em Portugal e promovido pelo Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Alfabetização, em 2022. A experiência possibilitou o contato com pesquisadores, estudos e evidências científicas relacionadas à aprendizagem da leitura e da escrita, fortalecendo convicções que já vinham sendo construídas ao longo da trajetória profissional e ampliando a compreensão acerca da importância de um ensino explícito, sistemático e intencional das habilidades que sustentam o processo de alfabetização. Os conhecimentos construídos durante o curso passaram a influenciar de forma ainda mais consistente o planejamento das intervenções pedagógicas, especialmente no que se refere ao desenvolvimento das habilidades preditoras da leitura e à organização de um ensino estruturado do Sistema de Escrita Alfabética.

Tais conhecimentos encontram respaldo nas contribuições da ciência cognitiva da leitura, especialmente nas pesquisas de Maluf e Cardoso-Martins (2013), Castro et al. (2024) e Dehaene (2012), que destacam a relevância do ensino explícito das correspondências entre grafemas e fonemas para a aprendizagem da leitura em sistemas alfabéticos.

Entre os anos de 2019 e 2023, elaborei o projeto *Alfabetização Interdisciplinar: uma aventura pelos contos de fadas*, concebido com o objetivo de articular o desenvolvimento das habilidades relacionadas à alfabetização com diferentes áreas do conhecimento. A proposta buscou superar a fragmentação dos conteúdos escolares, favorecendo experiências de aprendizagem mais significativas e contextualizadas para as crianças. Contudo, partia do pressuposto de que a formação leitora e a interdisciplinaridade não eliminam a necessidade de um ensino intencional e estruturado do SEA e das correspondências entre grafemas e fonemas, elemento que considero fundamental para a aprendizagem da leitura e da escrita. Nesse sentido, os temas e textos trabalhados funcionavam como articuladores das experiências de aprendizagem, enquanto o desenvolvimento das habilidades linguísticas permanecia como objetivo pedagógico central.

O retorno à sala de aula, em 2024, representou não apenas um reencontro com a docência, mas também uma oportunidade de revisitar, na prática, os conhecimentos acumulados ao longo dos anos de estudo, formação e atuação na gestão pedagógica. Foi nesse contexto que nasceu o projeto *Uma aventura pelo Mato Grosso do Sul: aprendendo com os animais da nossa fauna*, desenvolvido inicialmente em 2024 e retomado em 2025. Estruturado a partir de uma proposta de instrução sistemática das relações entre letras e sons, o projeto buscava articular a alfabetização ao conhecimento da fauna sul-mato-



grossense, promovendo aprendizagens contextualizadas e significativas para as crianças.

A experiência proporcionada pelo projeto, associada à percepção de que muitos dos desafios relacionados à alfabetização são compartilhados por professores de diferentes regiões do país, motivou a elaboração de uma proposta mais ampla, intitulada *Viajando pelo Brasil: letras, sons e bichos da nossa fauna*. Mantendo os mesmos princípios pedagógicos orientadores do projeto anterior, a nova proposta ampliou o escopo temático para contemplar a diversidade cultural e ambiental brasileira.

Atualmente, o projeto encontra-se em desenvolvimento não apenas em minha turma, mas também em outras salas de primeiro ano da escola em que atuo. A adesão das demais professoras ocorreu de forma espontânea, motivada pela percepção de que a proposta oferece maior segurança para o planejamento pedagógico e favorece o acompanhamento das diferentes necessidades de aprendizagem presentes nas turmas. As docentes optaram por incorporar o material em suas práticas por reconhecerem sua contribuição para a organização do ensino e para o atendimento à heterogeneidade característica das salas de alfabetização. Um dos aspectos mais valorizados refere-se à organização dos materiais em dois níveis distintos: um destinado às crianças em processo inicial de apropriação da leitura e da escrita e outro voltado àquelas que já apresentam maior autonomia leitora, possibilitando intervenções mais adequadas aos diferentes perfis de aprendizagem.

Os projetos supracitados foram estruturados a partir do desenvolvimento planejado das habilidades relacionadas à consciência fonológica e à apropriação do SEA, sem perder de vista a necessidade de oferecer às crianças experiências significativas de leitura, ampliação de repertório cultural e construção de conhecimentos sobre o mundo. A escolha pela fauna regional e nacional como eixo articulador das propostas buscou integrar alfabetização, matemática, ciências, geografia, cultura e formação leitora, aproximando a aprendizagem da realidade e dos interesses dos estudantes dessa faixa etária.

Ao longo dessa trajetória, consolidou-se a compreensão de que o ensino sistemático das habilidades fundamentais para a aprendizagem da leitura e da escrita não é incompatível com uma formação leitora ampla e significativa. Pelo contrário, quanto mais as crianças ampliam seus conhecimentos sobre o mundo, mais condições possuem para compreender textos, estabelecer relações, produzir sentidos e avançar em seu processo de aprendizagem.

As experiências acumuladas na docência, na formação de professores e na elaboração de materiais pedagógicos também contribuíram para evidenciar que a participação das crianças em práticas significativas de leitura e escrita, embora essencial, não garante por si só a apropriação do sistema de escrita alfabética. Conforme apontam Dehaene (2012), Morais (2013) e Maluf e Cardoso-Martins (2013), a aprendizagem da leitura demanda ensino explícito dos princípios que organizam esse sistema, especialmente porque os estudantes não descobrem essas relações de forma espontânea.

Por essa razão, considero que aprender a ler constitui a principal tarefa da alfabetização inicial e, portanto, deve ocupar lugar central no planejamento e nas intervenções realizadas pelo docente. Minha prática pedagógica está fundamentada na compreensão de que a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética exige ensino explícito, sistemático e intencional, especialmente no primeiro ano de escolarização.



Contudo, reconhecer essa centralidade não significa desconsiderar as diferenças presentes entre os estudantes. Em uma mesma sala de aula convivem crianças que estão dando os primeiros passos na aprendizagem da leitura e outras que já demonstram maior autonomia leitora. Nesse contexto, torna-se necessário garantir que todas continuem avançando. Enquanto algumas precisam de apoio para compreender as relações entre letras e sons e consolidar as habilidades fundamentais à leitura, outras necessitam ampliar repertórios, aprofundar compreensões, estabelecer novas conexões e expandir seus horizontes de aprendizagem.

Assim, compreendo que alfabetizar é assegurar que cada criança avance a partir do ponto em que se encontra. É ajudar os leitores iniciantes a descobrirem os caminhos da linguagem escrita, sem limitar o percurso daqueles que já aprenderam a percorrê-los. Em outras palavras, trata-se de oferecer condições para que todos possam alçar voos cada vez mais altos, respeitando seus ritmos, potencialidades e necessidades, sem perder de vista o compromisso fundamental que orienta minha trajetória profissional: garantir que nenhuma criança seja deixada para trás.

Essa centralidade do ensino sistemático da leitura e da escrita transcende, conforme apresentado, a dimensão pedagógica individual e atende a uma urgência social. Como as análises dos indicadores educacionais brasileiros vêm demonstrando a incapacidade do sistema de alfabetizar as crianças na idade correta, o processo reflete-se em um efeito cascata de deficiências. Nesse cenário, a evasão e o agravamento das desigualdades escolares nas etapas subsequentes, como nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, são apenas consequências de um processo falho de alfabetização.

Nesse sentido, ao assumir a alfabetização baseada em evidências não apenas como uma escolha metodológica, mas como um compromisso ético de não deixar nenhuma criança para trás, recoloca-se o foco de tempo e esforço naquilo que é a raiz para a resolução do grande problema da educação nacional: a efetiva emancipação intelectual e social do estudante, construída desde a base por meio do domínio da leitura e da escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar os caminhos percorridos desde a graduação até o momento como professora alfabetizadora, torna-se evidente que a construção de uma identidade profissional é um processo contínuo, marcado por estudos, experiências, questionamentos e constantes reconstruções. Mais do que a adoção de uma determinada abordagem teórica, a trajetória relatada neste trabalho evidencia a importância de desenvolver uma postura investigativa diante dos desafios encontrados na prática pedagógica.

As divergências teóricas que permeiam o campo da alfabetização constituem uma realidade presente desde minha formação inicial e permanecem fazendo parte do cotidiano profissional em que estou inserida. Atualmente, assim como ocorreu durante a graduação, continuo atuando em contextos nos quais diferentes concepções acerca da aprendizagem da leitura e da escrita coexistem e disputam espaço nas formações, nos materiais didáticos e nas práticas pedagógicas. Diante desse cenário, compreendo que cabe ao professor alfabetizador conhecer as diferentes perspectivas teóricas, analisar seus pressupostos, dialogar criticamente com elas e fundamentar suas escolhas pedagógicas



em conhecimentos científicos e nas evidências produzidas pela pesquisa educacional.

Tal posicionamento exige abertura intelectual para reconhecer que o conhecimento científico não se constitui como um conjunto de verdades imutáveis. Ao contrário, avança à medida que novas pesquisas são realizadas, hipóteses são testadas e evidências são produzidas. Nesse sentido, a formação do professor alfabetizador demanda disposição permanente para estudar, refletir sobre a própria prática e, quando necessário, revisar concepções anteriormente assumidas.

As experiências vivenciadas ao longo da carreira também permitiram compreender a importância de que os professores conheçam de forma aprofundada o funcionamento do Sistema de Escrita Alfabética e os princípios que orientam seu ensino. Embora minha formação inicial não tenha contemplado, de maneira sistemática, estudos sobre a estrutura fonológica da língua e sobre a instrução fônica, a busca por esses conhecimentos revelou-se fundamental para a compreensão dos processos envolvidos na aprendizagem da leitura e da escrita. Considero, portanto, que, em razão da natureza alfabética do sistema de escrita utilizado na língua portuguesa, tais conhecimentos devem integrar o repertório profissional de todo alfabetizador, independentemente da perspectiva teórica adotada.

Também ressalto que a produção de materiais, elaboração de projetos e a construção de propostas pedagógicas próprias, embora inspiradas em experiências, estudos e profissionais que servem de referência, representam um importante movimento de amadurecimento profissional. Criar materiais e organizar percursos de aprendizagem exige que o professor mobilize conhecimentos teóricos, reflita sobre as necessidades concretas de seus estudantes e assuma uma postura ativa diante do processo educativo. Mais do que reproduzir práticas existentes, trata-se de desenvolver a capacidade de engendrar novas possibilidades, ampliando oportunidades de aprendizagem e acesso ao conhecimento.

À guisa de conclusão, ao ingressar na Pedagogia, imaginava que a educação poderia ser um espaço de transformação da realidade. Anos depois, compreendo que essa transformação acontece, sobretudo, quando uma criança aprende a ler. A experiência relatada neste trabalho reforça a compreensão de que alfabetizar vai muito além de ensinar letras, sílabas e palavras. Trata-se de garantir o acesso à cultura escrita, ampliar horizontes e criar condições para que cada estudante desenvolva plenamente suas potencialidades. Ao revisitar essa caminhada, percebo que a construção de uma alfabetizadora permanece inacabada. A cada nova turma surgem desafios, perguntas e oportunidades de aprendizagem que continuam dando sentido ao exercício da docência e à escolha feita tantos anos atrás.

REFERÊNCIAS

CASTRO, G. S.; PACÍFICO, M.; FERREIRA, E. C.; ZAGO, F. C. S.; GAVIOLI, L. F. P. Musicalização e saúde emocional: uma interface necessária para a educação. In: BIANCHESSI, C. (org.). **Interfaces entre saúde e educação: saberes, práticas e olhares interdisciplinares**. v. 5. Curitiba: Editora Bagai, 2024. p. 9-18. DOI: <https://doi.org/10.37008/978-65-5368-535-2.28.12.24>



DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012.

MALUF, Maria Regina; CARDOSO-MARTINS, Cláudia (org.). **Alfabetização no século XXI**: como se aprende a ler e a escrever. Porto Alegre: Penso, 2013.

MORAIS, José. **Criar leitores**: para professores e educadores. Barueri, SP: Minha Editora, 2013.

SAVAGE, John F. **Aprender a ler e a escrever a partir da fônica**: um programa abrangente de ensino. 4ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Sistema Scliar de Alfabetização**: fundamentos. Florianópolis: Lili, 2013.

SNOWLING, Margaret J.; HULME, Charles (org.). **A ciência da leitura**. Porto Alegre: Penso, 2013.